

Sem espaço para o cristianismo na festa da democracia

Um erro recorrente entre analistas políticos iletrados, ao tentarem resumir a história mundial, é reduzir os grandes acontecimentos históricos a elementos puramente materiais ou imateriais.

De um lado, há quem acredite que a história é movida exclusivamente por crises econômicas, guerras, pestes e outros fatores materiais, relegando as ideias à mera consequência desses eventos. De outro, há aqueles que enxergam as IDEIAS como motor das mudanças, capazes de gerar guerras, crises econômicas e rupturas civilizacionais por si mesmas.

Ambas as perspectivas estão equivocadas. Ao longo da história, meios materiais foram usados para gerar efeitos culturais, assim como culturas foram determinantes para a prosperidade ou ruína de muitos povos.

Quando observamos a subrepresentação de cristãos na política, a quase proibição de mencionar valores cristãos no debate público e a instrumentalização de religiões de suposta matriz africana – como a umbanda, organizada por Zélio Fernandino de Moraes, ao reunir rituais africanos e católicos com o espiritismo kardecista –, estamos testemunhando o uso de meios materiais para tentar destruir uma cultura, um bem imaterial de valor inestimável.

Vale lembrar que o cristianismo é atacado em todas as frentes, desde teses acadêmicas desonestas até o uso de meios institucionais para reprimir seu discurso. Não nos enganemos: destruir o cristianismo é essencial para as elites internacionais e locais. Não por acaso, a cada dia as menções a Cristo no Natal diminuem, enquanto a perseguição ao cristianismo se intensifica.

O cristianismo não é apenas uma religião com ritos e promessas. É Deus revelando a Si mesmo, regenerando Sua relação com os homens pecadores. É Deus descendo à Terra para reconciliar a humanidade que pecou contra Sua santidade no Éden.

Esse vínculo profundo com a dignidade humana é inconveniente para as elites. O cristianismo trata o homem como ser perdoado e que tem responsabilidade sobre a criação divina (hoje chamada

- A imaturidade do ambiente político brasileiro impede debates e reformas mais profundas. Nossa classe falante se limita ao campo do desejo e do imaginário, incapaz de enfrentar os desafios reais.
- Tamanha é essa imaturidade que criamos um gênero literário próprio: a projeção nacional.
- Um projeto de nação, por definição, é um projeto político – mas o Brasil insiste em tratar o tema como uma abstração.



popularmente de natureza), enquanto o sistema estabelecido quer reduzir o indivíduo a um parasita, sujeito ao jugo do sistema econômico. Para as elites, pouco importam os sacrifícios humanos ou o sofrimento gerado; o que importa é a manutenção do sistema de castas vigente (muito evidente no Brasil) e a consolidação da globalização em nível mundial.

Falar sobre Jesus sempre foi loucura para os que não crêem. Hoje, é também um obstáculo à agenda que busca a escravização da humanidade. Por isso, não há espaço para celebrar o Menino Jesus na festa da democracia. O espaço sobra, talvez, para prefeitos "tiktokers" que inauguram faixas de pedestres fazendo dancinhas vergonhosas.

Mas, independentemente dos meios empregados contra o cristianismo, nada pode aniquilá-lo. Mesmo expulso da esfera pública, o cristianismo não é apenas uma religião: é a revelação dos planos de Deus para restaurar a relação com a humanidade. Isso não depende de discursos públicos ou de templos adornados. Nada pode deter os planos e os cuidados de Deus.

Cristo nasceu entre os homens para a nossa salvação, e, seja de forma pública ou privada, devemos nos alegrar por isso.

